

“QUEM DIRIA QUE TU SABIAS FALAR!”: NARRATIVAS DE LUTA E RESISTÊNCIA ATRAVÉS DA ESCRITA DE ELIANE POTIGUARA

TAMIRES RODRIGUES SIQUEIRA¹; ² ROGÉRIO REUS GONÇALVES DA ROSA; LORI ALTMANN

¹Universidade Federal de Pelotas 1 – tamiressiqueira08@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – roggerriorosa@gmail.com, lori.altmann@yahoo.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho foi desenvolvido como avaliação para a disciplina de Seminário de Etnologia Ameríndia I, e visa ilustrar a participação de Eliane Potiguara na literatura indígena, tal como a utilização desse gênero literário enquanto mecanismo de luta e resistência dos povos ameríndios.

2. METODOLOGIA

Pensando nas diferentes dimensões acerca da literatura parti do pressuposto de que a literatura indígena é usada como objeto de resistência dos povos ameríndios. Assim, elegi como foco de pesquisa a escritora indígena Eliane Potiguara. Dessa maneira, o trabalho dedicou-se a apreender o mecanismo de resistência pontuado por Eliane através de seus escritos, e de como a autora utiliza a mesma ferramenta que outrora serviu para contar sua história, e a história de seu povo através de uma perspectiva estereotipada e colonialista. O uso de indígena e ameríndio em meu texto se dá enquanto sinônimo.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No decurso de tempo que demorei para escrever esse trabalho minha mente vagou para os primeiros livros que li. Livros escritos por homens. Homens em sua maioria brancos. Por muito tempo isso me fez acreditar que a literatura só somente poderia existir se interpretada por homens. Apenas muito tempo após minhas primeiras leituras foi que conheci uma obra produzida por mulheres. Mulheres indígenas, mulheres trans, mulheres negras. Mulheres que através da escrita reivindicam espaço. E é justamente nesse contexto de resistência que Eliane Potiguara ergue-se, e rompe com a narrativa dominante.

Eliane Potiguara é escritora, poeta, professora formada em Educação e Letras, além de ativista indígena, de origem étnica Potiguara. Em 1988, ela recebeu o título de “Dez Mulheres do Ano de 1988”, pelo Conselho das Mulheres do Brasil, por seu trabalho como fundadora do GRUMIN (Grupo Mulher-Educação Indígena) – diga-se de passagem, a primeira organização de mulheres indígenas no Brasil. Além disso, Eliane Potiguara participou da elaboração da “Declaração Universal dos Direitos Indígenas”, na ONU em Genebra, durante anos. Em 2011, essa mulher potiguara foi nomeada como Embaixadora da Paz, em Genebra (*Cercle Universel des Ambassadeurs de la Paix* – Genebra – Suíça).

No século XVI, os Potiguara reuniam aproximadamente uma população de 90 mil indígenas.¹ Atualmente reúnem em torno de 19 mil. Concentram-se expressivamente no litoral norte paraibano situado entre os rios Camaratuba e

¹ Todos os dados apresentados foram retirados do Etnomapeamento dos Potiguara da Paraíba, trabalho realizado entre agosto de 2010, e agosto de 2011.

Mamanguape. No entanto, há um número não contabilizado de Potiguara morando em outras partes do Brasil, como Rio de Janeiro, e Rio Grande do Norte. Ademais, o povo Potiguara possui a marcante característica de permanência no mesmo território, apesar do encontro com os colonizadores. Tal característica acontece pela constante resistência e defesa territorial do seu ancestral território. Embora integrem o tronco linguístico Tupi, em decorrência do contato violento com as sociedades não indígenas, hoje falam português. Contudo, há uma significativa revitalização do tupi na educação escolar indígena. Nas palavras de Graça Graúna:

O nome Potiguara, de origem Tupi, significa ‘comedores ou catadores de camarão’. No século XVI, esse povo habitava o litoral do Nordeste brasileiro, mas em contato com o mundo dos ‘brancos’ veio a diáspora e os Potiguara se dispersaram entre o Ceará, Paraíba e Rio Grande do Norte e outros estados brasileiros. Hoje, grande parte dos remanescentes sobrevive nas 22 aldeias nos municípios Baía da Traição, Marcação e Rio Tinto, na Paraíba (2013, p. 95).

Na descrição de seu blog pessoal, Eliane Potiguara descreve-se como alguém que “corre o mundo, e escreve os caminhos e descaminhos da vida”. Quando questionada pelo programa “Ciência e Letras” sobre o papel da literatura em sua vida, e ela salientou que enxerga a literatura indígena como estratégia de luta, instrumento de libertação, e conscientização.² Graúna (2013), comenta que apesar da falta de reconhecimento e visibilidade conferida à literatura indígena, a escrita política de Eliane Potiguara tem se tornado um símbolo de resistência e intensidade, dado que, em sua escrita, Eliane Potiguara aborda temas de suma importância tal como: a demarcação de territórios, identidade, e vida à margem na sociedade não-indígena.

Com relação a literatura indígena, esse gênero abarca uma série de particularidades, e diferenças, visto que os povos indígenas não são uma entidade única, e sim povos diversos e complexos em suas amplas particularidades (CUNHA, 2018, p. 2). Trata-se de uma história contada narrada pela visão do indígena e não a partir da visão do colonizador. Em suas palavras “o que corre dentro do coração, na alma e nas veias de uma mulher indígena” (POTIGUARA, 2017).

A história de luta de Eliane Potiguara teve início muitos anos antes de seu nascimento, pois de acordo com ela sua família é “combatente, e guerreira que escapa da morte”. Sua família emigrou das terras paraibanas em razão da ação violenta dos colonizadores que culminaram no desaparecimento de seu bisavô. Em entrevista para a tese de doutorado de Daniel Munduruku, Eliane frisou inúmeras vezes a força ancestral das mulheres de sua família, mas também a dor e as marcas que o processo de deslocamento *compulsório* causou.

Eu sou de uma família muito pobre, extremamente pobre, família indígena que sofreu o processo da colonização do algodão na Paraíba no início do século XX e por essa razão a família sofreu violência nos seus direitos humanos e sofreu migração e eu sou o resultado disso aí, dessa história toda e eu sou o resultado da história de vida, de luta de um povo, de uma família Potiguara que se afastou literalmente de suas terras, família inteira, pra ter uma sobrevivência (POTIGUARA, 2009).

² Entrevista feita pelo programa *Ciência & Letras*, exibida em 14 de março, de 2017. Disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=JkclNElztgg>

Seus textos sempre evocam questões como, a mulher, a herança ancestral, a identidade e a terra em primeiro plano. O poema “A denúncia” presente no livro “Metade cara, metade máscara” publicado pela primeira vez em 2004, é um exemplo disso. Nele, a autora refuta a ideia de que o indígena está no passado, e pontua a semelhança com seus pares. Além disso, sua fala *reivindica* respeito. Rompe com o silêncio *imposto* aos povos indígenas ao longo dos séculos. É uma história contada pela visão do indígena e não a partir da visão irreal do colonizador.

Ó mulher, vem cá
que fizeram do teu falar?
O mulher conta aí...
Conta aí da tua trouxa
Fala das barras sujas
dos teus calos na mão
O que te faz viver, mulher?
Bota aí teu armamento.
Diz aí o que te faz calar...
Ah! Mulher enganada
Quem diria que tu sabias falar! (POTIGUARA, 2004, p. 80).

4. CONCLUSÕES

De acordo com Ottmar Ette (2016), a literatura é a escrita em movimento. Um trânsito contínuo de diferentes subjetividades. Na atualidade, as mulheres indígenas tomam posse da escrita para mostrar o sofrimento da violência e da marginalização a que foram relegadas desde a construção de uma sociedade não indígena que se iniciou com a colonização, e que perpassa até hoje (Guimarães, 2018, p. 2). Assim, fazendo uso de uma escrita política, Eliane Potiguara questiona o imaginário que a sociedade nacional nutre erroneamente dos povos indígenas, e mais do que isso nos desafia a pensar além do que nos é ensinado através dos livros escolares de história. Livros que dentre muitos aspectos, nos alienam com modelos de ensino ocidental que apontam à invasão das terras indígenas como descobrimento do Brasil.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DA CUNHA, Jéssica Emanuelli Pereira. Metade cara, metade máscara: Uma afirmação das identidades etno-políticas da mulher indígena.

ETTE, Ottmar. Pensar o futuro: a poética do movimento nos Estudos de Transárea. **Alea: estudos neolatinos**, v. 18, n. 2, p. 192-209, 2016.

GRAÚNA, Graça. Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2013. **Nova Revista Amazônica**, v. 3, n. 1, 2015.

GUIMARÃES, Aline. O que eu faço com a minha cara de índia? literatura e resistência em Eliane Potiguara. **Revista Darandina**, p. 1-13, 2018.

Entrevista para a tese de doutorado de Daniel Munduruku, 2009. Disponível em <<http://elianepotiguara.blogspot.com.br/p/entrevistas.html>>. Acesso em: 31 de jul. 2020

POTIGUARA, Eliane. **Metade cara, metade máscara**. São Paulo: Global, 2004.

Programa Ciência e Letras. Disponível em <
<https://www.youtube.com/watch?v=JkclNEIztgg>> Acesso em: 31 de jul. 2020.